

Psicologia, processos identitários e fundamentalismo religioso

Carolina Saraiva Ferreira¹
Ana Flávia do Amaral Madureira²

Resumo - O presente artigo teve como objetivo analisar as relações entre os processos identitários e as bases do fundamentalismo religioso no Brasil, a partir da perspectiva de alunos/as do curso de Psicologia. Participaram da pesquisa, três estudantes de Psicologia e o método utilizado foi o qualitativo com o uso de entrevistas individuais semi-estruturadas, acompanhadas de imagens previamente selecionadas. Para a análise, foram construídas três categorias analíticas, visando a orientação de análise e interpretação das informações construídas. Foi possível notar que a religião está relacionada com os valores de cada indivíduo e de que tal tema não é debatido o suficiente no curso de Psicologia. O fundamentalismo religioso pode causar sofrimento na vida dos indivíduos. Sendo assim, concluiu-se que é necessário que a Psicologia se mobilize frente ao tema e que há, ainda, muitos desafios para percorrer no que tange à esse assunto.

Palavras-chave: fundamentalismo religioso, processos identitários, preconceito.

O presente trabalho visa apresentar discussões sobre os processos identitários, suas bases sociais e psicológicas, a mentalidade fundamentalista no âmbito religioso e suas relações no Brasil e em outros países, a partir da perspectiva de professores/as e estudantes do curso de psicologia. Buscamos compreender de que forma o fundamentalismo religioso ocorre no Brasil e no mundo e como essa forma de preconceito é construída nas identidades dos sujeitos.

A pesquisa realizada está diretamente ligada a um projeto amplo intitulado “Identidades sociais, diversidade e preconceito”. Esse projeto é desenvolvido pela professora orientadora Ana Flávia do Amaral Madureira que consiste, em linhas gerais, em investigar os processos identitários compreendidos na construção das identidades sociais e as bases sociais e psicológicas do preconceito. O presente estudo está vinculado a um projeto mais específico intitulado “Religião e psicologia: dos processos identitários ao fundamentalismo religioso”.

¹ Graduanda de Psicologia do UniCeub

² Orientadora

Muitas vezes, os sistemas de crenças religiosas e as identidades dos indivíduos se atravessam, assim, sendo difícil saber onde um começa e o outro termina. Tais sistemas permeiam tanto a vida privada dos indivíduos como a política e as leis de muitas sociedades pelo mundo afora, criando, de alguma maneira, formas de preconceitos e intolerâncias. O preconceito no Brasil, conforme Pérez-Nebra e Jesus (2011) discutem, atinge e exclui grupos que são reconhecidos historicamente como grupos discriminados, que não pertencem a algum padrão hegemônico.

Há no Brasil um retrato da intolerância religiosa que aparece nos jornais, como por exemplo, o caso da casa de mãe Gilda que foi invadida e depredada por seguidores de outras religiões³. Por conta disso, foi criado no Brasil o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, regulamentado pela Lei 11.635.

Contudo, podemos perceber que o número de vítimas desse preconceito não diminuiu. Conforme dados divulgados pela Folha de São Paulo⁴ no ano de 2015, há denúncias de intolerância religiosa a cada 3 dias. As pessoas adeptas de religiões de matrizes africanas como o candomblé e a umbanda são as mais atingidas por esse tipo de preconceito no Brasil. Contudo, pessoas de outras religiões também sofrem com isso. No disque 100, no ano de 2014, foram registradas 149 denúncias de preconceito religioso.

Por isso, é importante entender como as relações entre os processos identitários e os sistemas de crenças pessoais, de gênese cultural, foram formados durante a história de vida dos indivíduos, ou seja, como os processos identitários podem levar ao fundamentalismo religioso. Como o fundamentalismo religioso é formado, considerando as bases sociais e psicológicas que foram constituídas ao longo da história do indivíduo?

O fundamentalismo religioso pode ser um disseminador de diversas formas de preconceitos. As pessoas que não pertencem a grupos hegemônicos, ou seja, grupos de pessoas que fogem às normatizações vigentes, como mulheres, negros, homossexuais sofrem com discriminação e preconceito em todo o mundo causadas, algumas vezes, por

³ Encontrado em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/01/intolerancia-religiosa-lideres-alertam-sobre-discriminacao>

⁴ Encontrado em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1648607-a-cada-3-dias-governo-recebe-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa.shtml>

questões relacionadas às crenças religiosas. Esse ódio disseminado por grupos radicais pode ser responsável por danos para os indivíduos que são suas vítimas.

Com o crescimento das religiões nas mídias no Brasil e no mundo, a intolerância também cresce e o fundamentalismo torna-se cada vez mais forte, causando prejuízo para muitas pessoas e famílias que diferem da visão de mundo dos indivíduos e grupos fundamentalistas. Por exemplo, há alguns anos já é identificado um aumento da influência da religião no Poder Legislativo de nosso país (Savi, 2015), como a bancada evangélica que transmite os “ensinamentos divinos”, de acordo com a tradição religiosa cristã, com a configuração de regras bastante rígidas a serem seguidas por toda a sociedade. Essa construção religiosa não defende os ideais de toda sociedade. Então, por que os ideais desse grupo particular prevalece às ideias de outros grupos? A questão que me mobilizou e tornou-se meu problema de pesquisa foi de que formas o fundamentalismo religioso se apresenta no Brasil? Por que algumas religiões sofrem preconceito e/ou discriminação no nosso país?

Processos identitários

Para entender o fenômeno do fundamentalismo religioso, é necessário refletir sobre como as identidades dos sujeitos que compõem esses grupos são estruturadas e como são constituídos os laços entre os indivíduos desses grupos, que produzem sentimento de pertencimento nos sujeitos.

Inicialmente, um indivíduo pode ser identificado a partir de suas particularidades e se tornar uma pessoa única, de acordo com Galinkin e Zauli (2011). Por ser uma pessoa única, ela é diferenciada de outras pessoas. As autoras argumentam que a identidade é tudo o que esse indivíduo é, como seu nome, sua nacionalidade, sua profissão e os nomes dos pais, mas também engloba tudo que ele não é. Desse modo, a diferença é algo que marca a identidade de uma pessoa.

A diferença, portanto, é um aspecto fundamental na construção da identidade. Segundo Woodward (2000), a diferença pode provocar a separação dos indivíduos em pelo menos dois grupos “eu/outro”, criando assim, um sistema classificatório. Porém,

essa diferença, segundo a autora, não precisa ser necessariamente negativa. Ela pode produzir o efeito de exaltar a diversidade ao invés de discriminar quem é diferente.

A identidade de uma pessoa também pode ser construída a partir dos grupos em que ela está inserida, uma vez que um grupo caracteriza-se a partir de alguns aspectos que os indivíduos têm em comum. Madureira (2010) discute que os processos identitários têm uma relação direta com a cultura.

De acordo com Galinkin e Zauli (2011), ao mesmo tempo que há a identificação do que é singular no sujeito, há também os marcadores sociais no indivíduo, como sua religião, sua raça, seu gênero, etc. Ou seja, o sujeito pertence a diferentes grupos que compartilham determinadas características.

Fundamentalismo religioso: uma forma de preconceito

A discriminação acontece a partir das diferenças que os grupos apresentam entre si. A discriminação e o preconceito são conceitos distintos. De acordo com Myers (2014), enquanto a discriminação é um comportamento negativo, o preconceito é uma atitude negativa e, por isso, eles são bastante associados.

O preconceito pode aparecer de diversas formas e uma delas, como discute Pérez-Nebra e Jesus (2011), é a forma como alguns grupos minoritários são vistos pela sociedade e a atribuição de causalidade para certas situações experienciadas por aqueles grupos. Para Madureira e Branco (2012), o preconceito, enquanto fenômeno de fronteira, se configura a partir de fronteiras simbólicas rígidas que estabelecem barreiras culturais entre indivíduos e grupos com características diferentes.

Para Pérez-Nebra e Jesus (2011), a construção do preconceito apresenta três etapas, sendo elas: o estereótipo, a atitude negativa (preconceito) e a discriminação. O estereótipo é o que dá apoio ao preconceito. Os estereótipos são o agrupamento de características de certos grupos e a categorização desses. De acordo com as autoras, há uma predisposição a generalizar grupos que tem características similares.

Já o preconceito, é a atitude negativa que se tem diante dessa generalização de algum grupo. As autoras afirmam que “esse afeto ligado à crença, para se caracterizar como um preconceito, é necessariamente negativo” (Pérez-Nebra & Jesus, 2011, p.

226). Elas discutem que o preconceito é de ordem afetiva, o que pode causar uma resposta rápida à alguma situação.

O preconceito, como discutem Madureira e Branco (2012), pode ser também um fenômeno ligado ao poder. Essa crença tem raízes afetivas bastante fortes e que podem criar fronteiras simbólicas rígidas entre indivíduos e grupos que não partilham dos mesmos princípios.

A discriminação vem da ideia de que nos comportamos sem pensar, ou seja, seguimos um padrão sem pensar criticamente sobre ele, como se ele fosse algo inato. Como as autoras Pérez-Nebra e Jesus (2011) discutem, essa é a “lei do menor esforço”, nós tendemos a nos comportar do mesmo jeito que a maioria se comporta.

Nesta pesquisa, o foco será a religiosidade e o preconceito em forma de fundamentalismo religioso. Myers (2014) argumenta que os representantes religiosos ao redor do mundo alegam que o mundo é como deveria ser, reconhecendo a marginalização de alguns setores da sociedade, em prol da “criação divina”. Porém, o autor continua a discussão, dizendo que o preconceito e a religião podem não ter uma conexão direta, ou seja, a religião pode não ser propagadora de preconceito. Então, qual seria a base do fundamentalismo religioso?

O termo “fundamentalismo”, de acordo com Boff (2002), refere-se à forma de ver ou interpretar dos indivíduos que seguem algum sistema de crenças, porém de uma maneira que esse sistema de crenças não seja renovado, reinterpretado. O autor aponta que essa característica é o que desenvolve a intolerância com pessoas e/ou ideias que não sejam semelhantes às suas. Rocha (2014) afirma que o fundamentalismo é uma maneira de viver a partir das crenças em determinado princípio religioso e acreditar que essas crenças carregam o único e correto sentido de viver a vida.

Os fundamentalistas cristãos agem de acordo com o que está escrito na Bíblia, de forma completamente literal (Santos, 2014). A palavra de Deus é considerada como verdade absoluta e imutável, não havendo espaço para um pensamento diferente do que aquele que já está estabelecido. Esse tipo de discurso pode gerar preconceitos com grupos de diferentes constituições daquele já mencionado, pois há uma rigidez exacerbada com as ideias difundidas pelos fundamentalistas (Boff, 2002).

Como os grupos religiosos têm bastante espaço nas mídias, os preconceitos gerados por esses segmentos da sociedade brasileira chegam com força em outras partes. Tiburi (2016) aponta que fundamentalistas são pessoas que se apegam às suas verdades e não conseguem escutar ou conversar com outras pessoas que não compartilhem de suas ideias. A rigidez está totalmente em evidência nessas pessoas.

Tanto Boff (2002) como Rocha (2014) argumentam que os fundamentalistas nunca se identificam como radicais. No entanto, acham que os outros grupos são. Portanto, eles consideram suas ideias indispensáveis para o melhor funcionamento da sociedade e se alguma outra convicção surgir, será considerada errada e será um modo de transgredir seus princípios e direitos. Woodward (2000) argumenta que os sistemas simbólicos rígidos podem suscitar a manifestação de exclusão por parte de alguns grupos.

Os fundamentalistas entendem que é necessário que a modernização da sociedade chegue ao fim, pois é ela que “traz tudo” o que há de contrário às ideias de Deus, como o aborto, a homossexualidade, a separação de cônjuges que foram abençoados por Deus dentro de sua Igreja, etc, (Boff, 2002). Rocha (2014) discute que, historicamente, com o desenvolvimento da ciência e o surgimento da modernização, a religião deslocou-se do âmbito público e foi designada ao contexto privado da vida do ser humano. Porém, nos dias atuais, percebe-se que algumas das congregações religiosas lutam contra a modernização e o pensamento racional, pretendendo aplicar suas convicções religiosas, também, na esfera pública (Santos, 2014).

Fundamentalismo religioso como fenômeno de globalização

É um ponto interessante perceber que, ao longo da história das religiões, foi/é comumente confundida a vida particular com a vida pública. Ao invés de ser uma escolha do indivíduo, e somente dele, a religião tinha (e ainda tem) a aprovação de fazer parte do que é público, como, por exemplo, as leis promulgadas em um país (Santos, 2014). Com a globalização, isso fica bem evidenciado.

É possível acompanhar pelo noticiário, as guerras que acontecem provocadas por questões religiosas no mundo ou questões políticas no Brasil sendo resolvidas a

partir de crenças religiosas que não são compartilhadas por todos os indivíduos da nossa sociedade. Essas interferências das religiões na esfera pública e privada da vida dos indivíduos acabam sendo colocações autoritárias, limitando o poder de escolha dessas pessoas. O mais importante no momento, de acordo com Boff (2002), é entender de onde vem essa inflexibilidade de alguns grupos em particular.

Por que as vontades de um grupo devem prevalecer às dos demais indivíduos? Há no nosso país uma onda de discurso de ódio contra pessoas que não compartilham as mesmas crenças (Savi, 2015). Seja de ordem religiosa, política, time de futebol, por exemplo. Tiburi (2016) afirma que “os afetos são aprendidos, são compartilhados entre pessoas” (p.33). Ou seja, o ódio não é algo inerente, é um afeto construído ao longo do tempo e há uma relação entre ódio, medo e o sentimento de pertencimento a determinado grupo. Se não há alguém para compartilhar desse sentimento, ele não irá se manter sozinho.

Como Santos (2014) discute, a religião faz parte, de diferentes formas da esfera pública na sociedade, portanto, é um fenômeno universal. O autor, então, explica como ele concebe a globalização. A globalização hegemônica refere-se ao que um grupo considera ser os ideais para a comunidade que pertencem. Esse discurso de ódio, portanto, faz parte da globalização não-hegemônica. De acordo com Santos (2014), a globalização não-hegemônica diz respeito a grupos que lutam pela mudança de condições da sociedade, mas essa mudança traria algo que pode não ser vantajoso, uma vez que trocariam o plano atual por um plano igualmente drástico e absoluto.

Essa “pregação” feita por alguns religiosos visa o controle da sociedade pelas leis que foram supostamente criadas por Deus. Como aponta Boff (2002), no islamismo a política e a religião estão sempre caminhando juntas. Algumas das crenças disseminadas pelo Alcorão são leis em países muçulmanos. O que pode acarretar conflitos tanto políticos como religiosos nessas áreas.

Ainda de acordo com Santos (2014), a globalização contra-hegemônica é uma transformação de visão para algo que não seria absoluto, que seria mais flexível. Essa última busca diminuir o desequilíbrio causado pela primeira e geralmente são formadas por movimentos sociais progressistas.

De acordo com Rocha (2014), o fundamentalismo religioso acaba se entrelaçando com o fundamentalismo político, pois os pastores, padres, ou qualquer propagador dos dogmas religiosos, entendem que a vontade de Deus precisa ser respondida por toda a sociedade e quem não seguir esses dogmas está seguindo, na verdade, as vontades do “demônio”, não existindo, assim, a capacidade de empatia pelo outro que não associa seu repertório de crenças e sua identidade à alguma religião.

Logo, a política e todos que a sustentam teriam o mesmo papel das igrejas e templos religiosos, o de julgar e apropriar-se desses dogmas religiosos para tal. Para Mesquita e Peruchi (2016), há um aparecimento maior de evangélicos na política do nosso país, assim eles tendem a propagar seus valores e crenças para toda a sociedade.

Mesmo o Estado brasileiro sendo um Estado laico, muitas das leis e direitos são pautadas a partir de um viés religioso. Como já foi ressaltado, algumas práticas individuais não são bem-vindas, já que os livros religiosos precisam ser interpretados de forma literal, como acreditam os fundamentalistas religiosos (Boff, 2002; Rocha, 2014). Portanto, isso pode vir a se tornar algum tipo de forma de sofrimento, como afirma Ruibal (2014), em práticas como o aborto, que não é permitido em vários países da América Latina por ser contrário às ideias da Igreja Católica. É uma questão de saúde pública que pode ser colocada em discussão, porém não há abertura para tal, tendo em vista todo o poder que a Igreja Católica tem sobre a população.

Rocha (2014) comenta que a política e a religião se misturam tanto porque tem a mesma base, os mesmos “dogmas irrefutáveis”, de origem afetiva e não de forma coerente, lógica e com argumentação válida. Essas formas de autoritarismo negam aos grupos, que não compartilham a mesma crença, seus direitos. De acordo com Ruibal (2014), é necessário que surjam ideias sem cunho religioso e de entendimento somente de alguns grupos para que haja consenso entre a população, desse modo, as exclusões fomentadas pelo fundamentalismo acabariam. Contudo, essa é uma ideia, de certa forma, utópica, tendo em vista que somos todos seres com diferenças e não haveria consenso algum.

O mundo é repleto de diversidade, porém essa variedade de personalidades distintas, raças, religiões, entre outras coisas, não são bem vistas pelos fundamentalistas que as reprimem para que haja um maior controle sobre a vida dos indivíduos. Segundo

Santos (2014), os grupos religiosos tendem a reproduzir fronteiras rígidas entre sua comunidade e as outras, no sentido que não há discussão sobre suas crenças religiosas. O resultado disso seria o enfrentamento de uma contra a outra, constantemente estabelecendo nesse contexto, a hostilidade, a rivalidade e a agressividade.

O objetivo geral da pesquisa é:

1) analisar as relações entre religião, processos identitários e mentalidade fundamentalista, no Brasil e em outros países, a partir da perspectiva de professores/as e estudantes de psicologia.

Os objetivos específicos da pesquisa são:

1) Identificar as bases sociais e psicológicas do preconceito no âmbito religioso, a partir da perspectiva dos/as participantes;

2) Investigar possíveis relações de poder entre homens e mulheres e entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais no contexto religioso.

3) Investigar como o fundamentalismo religioso se expressa, especialmente, no Brasil, a partir da perspectiva dos/as participantes.

Método

Nessa pesquisa, o método utilizado foi o qualitativo com o uso de entrevistas individuais semi-estruturadas e a apresentação de imagens previamente selecionadas. O método qualitativo, de acordo com Minayo (2001), consiste em responder algumas indagações que não possam ou não devam ser quantificadas. Essas questões têm significados muito mais profundos e não podem ser compreendidas como variáveis mensuráveis. A metodologia qualitativa, portanto, é certamente adequada para compreender fenômenos de “natureza complexa e dinâmica que caracteriza o desenvolvimento humano” (Madureira & Branco, 2001, p. 67).

Segundo Madureira e Branco (2001), a pesquisa qualitativa visa interpretar e dar sentido às entrevistas dos participantes que estão sendo pesquisados. Há uma importância significativa atribuída às interpretações desenvolvidas pelo pesquisador, pois é isso que dará sentido à pesquisa. É certo que essas análises são elaboradas à luz

das teorias, uma vez que há notável relevância da fundamentação teórica na pesquisa qualitativa.

A entrevista, enquanto instrumento de pesquisa, foi utilizada com a intenção de compreender o que os participantes entendem do fenômeno estudado, como discute Neto (2001). As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro que dispõe de 14 questões previamente formuladas, com o objetivo de nortear o diálogo entre pesquisador e participante, que segundo Neto (2001), difere do diálogo usual. Ou seja, uma entrevista é uma conversa que tem uma finalidade.

Nesse contexto, sua utilidade é a de construir informações com as respostas dos participantes que surgiram diante das questões levantadas. Porém, por ser uma entrevista semi-estruturada, há uma flexibilidade de abordar outras questões que podem surgir durante as falas dos/as participantes da pesquisa.

De acordo com Madureira (2016), as imagens, como representações visuais, são signos culturalmente construídos, ou seja, são instrumentos que evocam objetos que não estão presentes no momento. As imagens podem fazer o/a participante recordar de algo e, assim, aparecem outros conteúdos que podem não ter aparecido ainda durante a entrevista e, portanto, enriquecer a discussão.

Participantes

Os/as participantes da pesquisa são estudantes de Psicologia a partir do 3º semestre. Os participantes A e B são do gênero masculino e a participante C é do gênero feminino. Todos/as participantes estão na faixa etária de 21 a 26 anos. Os/as participantes A e C seguem as crenças cristãs e o participante B não tem uma religião definida. A seleção foi feita via redes sociais da pesquisadora.

Materiais e instrumentos

Foram utilizados nas entrevistas materiais como telefone celular com gravador, papel, caneta e como instrumentos de pesquisa o roteiro de entrevista, as imagens pré-selecionadas, e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido impressos.

Procedimentos de construção de informações

O presente artigo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UniCeub. Antes de iniciar a entrevista, foi pedido aos/às participantes que assinassem os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi esclarecido aos/às participantes que a entrevista seria gravada em áudio e que suas identidades pessoais permanecerão desconhecidas, dessa forma foram consentidas as gravações. A pesquisadora elucidou algumas questões sobre a pesquisa, a pedido dos participantes. As entrevistas seguiram o roteiro de entrevista que foi previamente desenvolvido pela pesquisadora e sua orientadora de pesquisa. Ao final das entrevistas, a pesquisadora exibiu as imagens e fez algumas perguntas relacionadas a tais imagens. Todas as entrevistas ocorreram em cabines de estudo da Biblioteca Reitor João Herculano, do campus da Asa Norte do UniCeub.

Procedimentos de Análise

Na análise das informações construídas nas entrevistas, foi estabelecido o uso de categorias analíticas temáticas para orientar a compreensão e a interpretação das falas de todos os participantes da presente pesquisa. Segundo Gomes (2001), os conceitos podem ser categorizados para haver uma atenção maior às ideias comuns que aparecem em diferentes entrevistas. As categorias foram construídas pela orientadora de pesquisa e a pesquisadora a partir dos objetivos de pesquisa e indicadores empíricos das entrevistas com os participantes, visto que, dessa forma, a análise pode ficar mais completa e agrupar um maior número de conceitos partilhados pelos participantes.

A análise começou a ser desenvolvida durante as transcrições das entrevistas dos/as participantes, nos quais alguns pontos significativos foram sendo destacados. As categorias analíticas temáticas foram construídas pela pesquisadora e pela orientadora de pesquisa a partir das informações mais importantes, considerando temas relevantes que apareceram nas entrevistas, articulando tais temas com os objetivos da pesquisa. As categorias analíticas temáticas construídas foram:

- 1) Religião, processos identitários e mentalidade fundamentalista: a perspectiva dos/as participantes;
- 2) Religião e valores pessoais;
- 3) Psicologia e religião: alguns desafios

Resultados e Discussão

Nessa seção, serão apresentados e discutidos os resultados mais significativos a partir das categorias analíticas temáticas construídas pela orientadora de pesquisa e a pesquisadora, mencionados anteriormente. Serão realizadas articulações entre a teoria apresentada anteriormente e os indicadores empíricos que foram construídos a partir das entrevistas realizadas.

Religião, processos identitários e mentalidade fundamentalista: a perspectiva dos/as participantes

Como foi anteriormente mencionado, os indivíduos carregam marcadores sociais consigo (Galinkin & Zauli, 2011), assim como características individuais. Foi possível perceber durante as entrevistas dos/as participantes A e C que existem marcadores sociais nas religiões e que eles se identificam bastante com o que é proposto dentro das crenças religiosas que seguem. Por exemplo, foram mostradas quatro imagens de pessoas religiosas (um padre, um pastor, um budista e um judeu) e foi perguntado aos/às participantes quem eles gostariam de ser e o porquê da escolha. Os/as participantes A e C (ambos católicos) responderam que gostariam de ser o padre por se identificar com os valores dele.

A participante C relata que, certa vez, participou de uma missão de sua Igreja em uma cidade do interior, onde ela e seus companheiros entravam nas casas dos/as moradores/as e pediam para rezar por eles/as e, algumas vezes, pediam para retirar imagens de outras religiões:

Então, tipo, quando eu fiz missão uma vez, uma mulher tinha um quadro de Iemanjá e a gente foi rezar por ela e pedimos pra tirar o quadro de Iemanjá (...)

A gente acreditou e sentiu naquele momento que aquela imagem estava carregada de energias negativas, então a gente tirou o quadro (Participante C).

Com esse trecho é possível perceber que, como afirmou Rocha (2014), o fundamentalismo surge a partir da crença de que o sentido da vida é explicado unicamente pelo sistema de valores que o indivíduo adotou. Portanto, para essa participante, uma imagem que não corresponde a seu sistema de crenças pode estar “carregada de energias negativas”.

Em alguns trechos das entrevistas, podemos observar também a rigidez que alguns/as indivíduos apresentam em relação às crenças diferentes das suas. A participante C relata que “eu acho que pro mundo, seria melhor só ter uma religião porque não teria diversidade e, infelizmente, homens, seres humanos, não conseguem lidar com diversidade”. O participante A afirmou que “(...) acredito que a minha religião, aquilo que eu sigo, ela vê o que o mundo necessita, né? Então, partindo de um mundo ideal, se todo mundo fosse católico e todo mundo vivesse realmente aquilo que prega, seria uma coisa muito massa”. Com essas falas, observamos o que encontramos na pesquisa bibliográfica realizada. Para ambos participantes, o mundo seria melhor se todos/as seguissem sua religião (católica). O fundamentalismo se dá a partir da crença de que os valores que essa pessoa traz com ela são os melhores valores para todos.

O participante B relatou que se afastou das atividades religiosas por sofrer preconceito por parte de algumas pessoas de sua congregação pelo fato dele ser homossexual: “(...) porque é muito difícil assim de eu perceber que tem pessoas que me odeiam por uma coisa que eu não escolhi ser. Uma coisa que eu sou, né?”. Com esse trecho, resgatamos a ideia de que alguns grupos minoritários podem sofrer algum tipo de preconceito pela forma como são vistos na sociedade, por serem vistos a partir de estereótipos negativos, que fomentam preconceitos.

Em alguns trechos da entrevista podemos notar, também, que o participante B sofreu discriminação no contexto religioso quando alguns membros da congregação quiseram mudar sua orientação sexual: “E ela tentava fazer com que eu não fosse gay pra ela me aceitar. Porque na religião católica tem que aceitar todo mundo. Vou te aceitar, mas não vou te aceitar gay”. A discriminação acontece, segundo Pérez-Nebra e

Jesus (2011), quando as pessoas se comportam sem pensar nos padrões que estão seguindo.

Outro ponto interessante nas entrevistas aparece quando os/as participantes são perguntados/as sobre religiões de matriz africana. Para os/as participantes A e C, religiões como a umbanda e o candomblé sofrem preconceito pelo fato de serem relacionadas à escravização dos negros na colonização do Brasil ou por serem relacionadas a coisas ruins. Caputo (2008) afirma que o candomblé é o resultado de varias expressões religiosas vindas da África na época em que os negros eram escravizados.

É possível perceber o preconceito com as religiões de matriz africanas no trecho a seguir: “(...) então, sim, eu acho que tem um desprezo muito grande e um preconceito que talvez venha da questão de colonização do nosso país. Esse é um povo que veio escravizado, uma religião que veio meio escondida e tudo mais” (participante A).

O participante A discute que: “(...) eu acredito que os princípios cristãos, que querendo ou não, eles fazem parte da cultura ocidental, eles deveriam ser valorizados sim nas escolas”. Como será discutido mais a frente, nosso país é laico. Portanto, tais princípios ou valores não fazem parte da vida de todos/as os/as cidadãos/ãs. Há nessa ideia uma forma de fundamentalismo que está enraizada em inúmeros grupos que pensam que somente sua religião irá favorecer o mundo.

Religião e valores pessoais

O participante B afirmou que “(...) às vezes a religião serve pra legitimar aquelas leis, tipo não matar, não roubar. A gente sabe que não pode fazer isso, mas como tem um peso religioso, as pessoas se policiam mais pra não fazer isso”. Podemos perceber com esse trecho que a religião está ligada a valores pessoais para esse participante. Esses marcadores sociais colaboram com a vida na sociedade e fazem parte da vida dos indivíduos e dos grupos sociais (Galinkin & Zauli, 2011).

Os valores pessoais fazem parte da construção de identidade dos sujeitos. É, inclusive, com tais valores que o indivíduo pode começar a fazer parte de algum grupo específico, como discutem Galinkin e Zauli (2011). Como foi discutido anteriormente, as diferenças e características em comum com algum grupo são fatores que fazem parte

da identidade dos sujeitos (Woodward, 2000). Como foi exposto por Madureira e Branco (2007), as identidades sociais podem promover o sentimento de pertencimento a algum grupo. Dessa forma, surgem as relações entre os indivíduos e os grupos sociais.

Durante as entrevistas, é notável a relação que existe entre os valores pessoais e as religiões que os/as participantes seguem/seguiram. A religião, para eles/as, está diretamente ligada aos valores morais que eles/as pensam que toda a sociedade deveria seguir, como será discutido posteriormente. Porém, é importante lembrar que vivemos em um país bastante diverso e nem todos/as seguem os mesmos dogmas religiosos.

A participante C, ao ser perguntada se as religiões deveriam ser ensinadas na escola, respondeu: “Tipo, eu gostaria que meus filhos fossem criados numa instituição religiosa, como eu fui, mas eu não sei... Se puder ter as duas, quem quiser botar, bota (risos)”. A participante demonstra o desejo de transmitir os valores da sua religião para seus filhos, expressando, assim, que seus valores pessoais advém do catolicismo.

Já o participante B, acredita que as escolas que dizem ensinar religião em seus currículos deveriam ter opções para todos os alunos e não somente aulas da religião católica, pois não são todas as pessoas que compartilham desses valores, ancorados no catolicismo. Dessa forma, haveria uma inclusão maior de outros grupos.

O participante A, também, indicou que seus valores pessoais estão interligados com os valores que aprendeu com a religião: “então, grande parte dos valores que eu tenho, grande parte da forma que eu sou com as pessoas e minha forma de olhar os outros, tem uma influência religiosa muito grande”. Ele afirma ter o olhar voltado para a religião em todos os aspectos de sua vida. Inclusive, ao avançarmos com a entrevista, o participante A diz que não consegue se desprender dessa visão.

Valsiner (2012), chama de distanciamento psicológico o fenômeno no qual os seres humanos conseguem se distanciar psicologicamente do contexto em que estão inseridos. Isso ocorre para que se tenha um olhar diferenciado para as circunstâncias que o ser humano enfrenta. Dessa maneira, é possível que um sujeito tenha empatia pelo outro. Podemos perceber na fala anterior do participante A que ele não consegue ter esse distanciamento, o que torna mais difícil ele compreender contextos que não está inserido. Por exemplo, ele é católico e não entenderia facilmente as pessoas que têm outras religiões, como o candomblé.

Ao serem perguntados/as como esses valores se fazem presentes na vida de pessoas que não tem nenhuma religião, os/as participantes A e C disseram acreditar que esses valores já são intrínsecos na nossa sociedade e que não há a necessidade de ter uma religião para aprendê-los. Em inúmeros momentos das entrevistas, eles/as dizem que o Brasil não é um país católico, porém os princípios da referida religião encontram-se enraizados na nossa cultura pela maioria da nossa sociedade ser formada por cristãos.

Podemos perceber, mais uma vez, como os marcadores sociais são bastante evidenciados na nossa sociedade, como os valores cristãos. Para os/as participantes, mesmo que o indivíduo não faça parte da comunidade cristã, ele terá valores cristãos, como amar o próximo. O Brasil, como país laico, deveria cultivar valores que não necessariamente estão vinculados a qualquer religião, porém, como foi explicitado por Rocha (2014), algumas instituições pensam que os dogmas religiosos precisam ser seguidos por toda a sociedade.

O que pode vir a se tornar (ou já se tornou?) um grande problema desse sistema de crenças ancorado no cristianismo é que ele é um sistema rígido. Retomando Boff (2002), o preconceito em forma de fundamentalismo religioso é justamente acreditar que valores cristãos devem ser compartilhados por todos os indivíduos da sociedade quando, na realidade, não são. Ao não renovar o seu sistema de crenças, os indivíduos vão ficando cada vez mais rígidos e dificultando a interação com outros grupos diferentes dos seus.

Psicologia e religião: alguns desafios

Durante as entrevistas, foi possível observar que os participantes não entendem qual é o papel da Psicologia no que tange às questões religiosas. Foi bastante discutido com todos/as os/as participantes que durante o curso de Psicologia o assunto “religião” não é abordado com frequência. Fica explícito em algumas falas de alguns/as participantes que a Psicologia deveria tentar entender o fenômeno religioso na vida das pessoas.

Nesse sentido, o participante B pensa que:

tudo que é tabu, nós precisamos discutir porque são essas pessoas que vão aparecer no nosso consultório ou no contexto escolar, organizacional, saúde mental, até mesmo no esporte, a gente tem que tá com o coração aberto, a gente tem que compreender o que tá passando (...) mas o conhecimento traz mudança. Você aprender só técnica, técnica, técnica, se a gente não discute... a gente tem que entender o mundo que tá por trás dessas técnicas, né?

Com isso, podemos compreender que, na universidade, os alunos tendem a aprender as técnicas e as questões sociais e culturais são esquecidas. Porém, essas questões são de extrema importância, uma vez que sem cultura, nada somos. A religião, como inúmeras outras questões, fazem parte do cotidiano de vários indivíduos. Portanto, é de extrema importância que tais questões sejam debatidas, como diz o participante A: “Olha, eu acho muito importante [que a Psicologia debata esse assunto] pela influência que a religião tem na vida das pessoas. Seria absurdamente... acho que seria muita irresponsabilidade da Psicologia não aceitar a influência da religião no contexto pessoal de cada um”.

A participante C ainda relata que “(...) no curso de Psicologia é triste porque a gente estuda isso e você espera que tenha uma aceitação maior e eu acho que é onde menos se tem aceitação”. É necessário repensar o modo com que os cursos são estruturados para que o assunto seja mais debatido e para que não haja profissionais cometendo equívocos significativos como não aceitar a religião do paciente que está em atendimento ou achar que é preciso convertê-lo à sua própria religião.

O participante A traz uma contribuição importante: “Se eu não for atrás de saber como é a umbanda, eu não vou entender a dinâmica espiritual daquela pessoa e eu sei que aquela dinâmica espiritual vai ter muita influência nas atitudes dela, entendeu?”. Como foi explicitado pelo participante da pesquisa, é indispensável saber e estar atento ao que é importante para o sujeito para que, assim, possamos ajudá-lo/a com suas questões.

Sabemos que existem vários aspectos que permeiam a vida dos indivíduos e a religião pode ser uma delas. Portanto, é preciso estar atento às significações atribuídas tanto pela cultura quanto pela própria pessoa acerca da religiosidade.

A Psicologia não pode ser outra ferramenta para disseminação de preconceitos e/ou discriminações. É necessário promover mudanças na vida das pessoas que são mais rígidas e não criar mais rigidez, que é o que ocorre atualmente ao evitar discussões sobre o tema. Ao promover discussões, é possível gerar novas formas de conhecimento. Dessa forma, essa rigidez seria “quebrada”.

Considerações Finais

Como podemos constatar, esse é um assunto inesgotável e que precisa de mais atenção por parte das pesquisas. O fundamentalismo religioso, o preconceito, a diversidade e as identidades sociais são assuntos muito importantes para a compreensão do ser humano e da sociedade como um todo.

Durante todo o artigo, foram discutidas as questões de pertencimento, identidade e diferença, traçando o caminho para a compreensão de questões mais amplas como o preconceito que, atualmente, alarma alguns grupos de nossa sociedade. Questões de violência pelo simples fato de uma pessoa ter uma religião considerada diferente é o que me despertou para o tema.

Como mencionado anteriormente, o preconceito consolida o que chamamos de fronteiras simbólicas rígidas (Madureira & Branco, 2012). Portanto, os fundamentalistas propagam essa intolerância contra grupos julgados diferentes. A rigidez se encontra estabelecida nesses grupos fundamentalistas.

De acordo com Arp (2014), o fundamentalismo religioso cristão é o “movimento que afirma que a Bíblia é a palavra literal e infalível de Deus”. Esse movimento acredita que uma pessoa só será “salva”, caso acredite em Jesus. Todo esse conservadorismo pode acarretar aspectos negativos na vida de pessoas que não acreditam nas mesmas crenças religiosas que os fundamentalistas, pois essas ideias conservadoras chegam à política e podem afetar a vida de todos que se encontram no Brasil.

É, ainda, preciso compreender como o sistema de valores culturais afeta o sistema de valores pessoais dos indivíduos na nossa cultura e como o preconceito se firma nesses sistemas. Como esse assunto é bastante denso e inesgotável, mais estudos deverão ser realizados para a melhor compreensão e debate. Um exemplo de estudo

seria compreender a visão dos professores de Psicologia e fomentar a discussão do porquê não se fala muito sobre o assunto na graduação.

Surpreende que em pleno século XXI ainda temos que discutir questões como o preconceito e práticas discriminatórias de alguns grupos que não se encaixam nos padrões sociais pré-estabelecidos. A discussão é fundamental para que possamos desconstruir aos poucos a rigidez que foi criada por alguns grupos da nossa sociedade.

Na minha visão, há um árduo caminho a ser percorrido dentro da Psicologia no que se refere às questões como a religião, o preconceito e os processos identitários. O debate precisa acontecer dentro do curso para que possamos compreender como a religião se insere na vida dos indivíduos. Conforme foi discutido durante todo o trabalho, a religião faz parte da cultura em que os indivíduos estão inseridos. A Psicologia precisa estar atenta às diversas maneiras de estruturação da cultura para entender os indivíduos de forma mais completa.

Referências Bibliográficas

- Arp, R. (2014). *1001 ideias que mudaram nossa forma de pensar*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Boff, L. (2002). *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Caputo, S. G. (2008). Ogan, adósu, oje, egbonmi e ekedi: o candomblé também está na escola. Mas como? Em A. F. Moreira & V. M. Candau (Orgs.), *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas* (pp. 149-181). Petrópolis - RJ: Vozes.
- Galinkin, A. L. & Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre: Artmed.
- Gomes, R. (2001). A análise de dados em pesquisa qualitativa. Em: M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 67-80). 18a ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

- Madureira, A. F. A. (2010). Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. Em A. L. Galinkin & C. Santos (Orgs.), *Gênero e Psicologia Social: interfaces* (pp. 31-63). Brasília: Tecnopolik.
- Madureira, A. F. A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as Imagens enquanto Artefatos Culturais. Em J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), *Artes e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57-82). Curitiba: Juruá.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2007). Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 81- 90.
- Madureira, A. F. A & Branco, A. M. C. U. A. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.
- Mesquita, D. T. & Perucchi, J. (2016). Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114.
- Minayo, M. C. S. (2001). O desafio da pesquisa social. Em: M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 09-30). 18a ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Myers, D. G. (2014). Preconceito: desgostar dos outros. Em D. G. Myers, *Psicologia Social* (pp. 246-278). 10a ed. Porto Alegre: AMGH.
- Neto, O. C. (2001). O trabalho de campo como descoberta e criação. Em: M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 51-66). 18a ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Pérez-Nebra, A. R. & Jesus, J. G. (2011). Preconceito, estereótipo e discriminação. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 219-237). Porto Alegre: Artmed.
- Rocha, Z. (2014). A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, nº 17, p. 761-774.

- Ruibal, A. M. (2014). *Feminismo frente a fundamentalismos religiosos: mobilização e contramobilização em torno dos direitos reprodutivos na América Latina*. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 14, p. 111- 118.
- Santos, B. S. (2014). *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez.
- Savi, R. M. (2015). *Os impactos do discurso de ódio na saúde mental de ativistas dos direitos humanos*. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília - UniCeub, Brasília.
- Tiburi, M. (2016). *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro: Record.
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed.
- Woodward, K. (2000). *Identidade e diferença: uma introdução conceitual*. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.